





**NÃO DESISTAS**



# NÃO DESISTAS

MEMÓRIAS

**ALFREDO ROSENDO MACHADO**



Prefácio  
Jorge Pinheiro

Outubro 2008

letras d'ouro



**TÍTULO** Não Desistas

**AUTOR** Alfredo Rosendo Machado

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução por quaisquer meios, salvo em breves citações, com a indicação da fonte.

**OUTUBRO DE 2008**

**Letras d'Ouro, editores**

(Proprietário: Pedro Martins)

Rua Quinta da Flamândia, N.º3 – 3.ºDt.º

Casal do Marco

2840-030 Aldeia de Paio Pires

Telefone: 210 878 323

livros@letrasdouro.com

**IMPRESSÃO E ACABAMENTO**

PUBLIDISA, Publicaciones Digitales, SA

1.ª EDIÇÃO, Outubro de 2008

**REIMPRESSÃO, Janeiro de 2009**

**DEPÓSITO LEGAL** 282704-2008

**ISBN** 978-989-8215-01-7

---

**PREPARAÇÃO DO ORIGINAL E EDIÇÃO**

José Manuel Martins

**CAPA E PAGINAÇÃO**

Pedro Martins

**REVISÃO**

Cátia Matias Norinha

Os textos bíblicos foram transcritos da versão João Ferreira de Almeida, revista e corrigida, edição de 1995, SBB.



## APRESENTAÇÃO

**T**ão ligada à vida e ministério do meu pai, acho importante deixar aqui umas palavras pessoais sobre o homem e esta obra.

Muito gostaríamos que ele tivesse escrito uma autobiografia completa, onde partilhasse em pormenor muitas experiências ligadas ao princípio do Movimento Pentecostal em Portugal, às igrejas que pastoreou, às pessoas que marcaram a sua vida e aos muitos milhares de homens e mulheres que foram tocados pela sua fé e dedicação a Jesus Cristo. Nesta altura da sua vida (noventa e três anos de idade), já é difícil lembrar tudo; há muitos episódios diluídos na sua lembrança, especialmente datas, nomes de pessoas e lugares.

Por isso, este livro, não pretende ser mais que um compilar de algumas «memórias», onde ele colocou a sua alma, permeadas aqui e além por aquilo que é acima de tudo a sua grande paixão – a Palavra de Deus. Os amigos que o lerem descortinarão muito do seu coração nas palavras simples que colocou no papel, mas poucos saberão da extensão da sua fé, do seu amor pelas pessoas e da sua intensa paixão pela pessoa de Jesus Cristo. Não há nesta obra nenhuma pretensão de fazer história. Leiam-na apenas como um desejo, quase final, de que o que foi importante não fique totalmente esquecido no tempo.

Como sua filha mais velha, queria ter palavras suficientes para dar-lhe o elogio que ele merece como pai e como homem. Dentro de mim, guardo como relíquia as mais doces recordações da minha infância, onde a sua ternura, o seu cuidado e a sua firmeza eram parte do nosso dia-a-dia como crianças. Foi ele que me ensinou a amar a Palavra de Deus e a estudá-la. Foi ele que me levou a Jesus Cristo, com oito anos de idade, e me ajudou a confessá-lo como meu Salvador pessoal. Foi ele que me batizou, foi com ele que aprendi as primeiras noções de ensino na igreja. Foi ele que presidiu ao meu casamento, que dedicou a Jesus os meus filhos, que os batizou.

Não foi um homem perfeito, mas é um homem redimido. A sua vida, as suas palavras e a sua obra serão sempre a maior referência da minha vida, partilhada com o exemplo de abnegação, alegria, amor e paixão por Jesus Cristo que foi a vida de minha mãe.

Tenho contado com ele nos momentos difíceis e tenho partilhado com ele muitas alegrias. É uma honra enorme ser sua «companheira de ministério» e ouvi-lo dizer quanto aprendeu com o que acabei de pregar...

Se posso dar-lhe algumas flores agora, quero encher a sua vida com rosas de orgulho por ser sua filha, com açucenas pelas lições de integridade que me ensinou, com violetas pela humildade que viveu (estas são as suas flores preferidas...).

Lede este pequeno livro com muito carinho. Não é todos os dias que chega às nossas mãos a descrição de algo tão real e tão intensamente vivido. Poderá não ser uma grande obra literária, mas é uma grande vida que se vai abrir diante dos vossos olhos.

*Sarah Machado Catarino*



## PREFÁCIO

Há muito que esperávamos as memórias de um homem como o Pastor Alfredo Machado. A sua experiência, traduzida nas muitas situações de pioneirismo que viveu, o seu conhecimento das Escrituras que lhe permitiu moldar o carácter individual de milhares de crentes pentecostais no país e no estrangeiro e que o erigem como referência incontornável, os seus dramas pessoais em momentos difíceis para as igrejas que Pastoreou (nomeadamente a de Lisboa), motivados pela situação e crises político-sociais dos anos difíceis do salazarismo, a sua luta constante de homem e cidadão para educar uma família numerosa com o magro salário de um obreiro, sem se deixar vencer pela tentação do mercenarismo, as lutas e angústias silenciosas que teve de enfrentar em situações que exigiam que as tendências do velho homem nunca se sobrepusessem à chamada de deixar o bom cheiro de Cristo, os ataques que teve de suportar calado, vindos daqueles que, tendo sido seus discípulos e talvez por o haverem «endeusado» não souberam compreender que mesmo um grande homem de Deus, à semelhança de Elias, não deixa de estar sujeito a baixar a guarda, e tantas outras razões que poderíamos enumerar quase até à exaustão dão mais força à necessidade de preser-

var para o futuro um pouco do que foi a obra e a vida deste servo de Deus.

Sendo a história o repositório dos factos (positivos e negativos, de acordo com apreciações subjectivas) que constituem a memória colectiva que caracteriza a alma de uma sociedade, necessário é que os membros dessa mesma sociedade conheçam os eventos que lhe estão na génese. Povo que desconhece a sua história é povo destinado à dissolução, por lhe faltar o substrato que lhe permite compreender o presente, honrar os que o antecederam e preparar e planear o futuro, tomando consciência de um projecto e um desígnio comuns. Exemplo desta maturidade é o povo hebreu. Conhecedor profundo da sua história, repetida até à exaustão em momentos rituais de consagração (nomeadamente na Páscoa), esse reviver da sua história permite-lhe manter bem viva e acesa a chama da sua identidade nacional e saber o porquê da sua existência. A Igreja, como «Israel espiritual» de Deus, não pode deixar de conhecer a sua história. Não para se sentar em contemplação seráfica de glórias passadas, mas para perceber que tudo quanto hoje desfruta o deve a muitos que se esforçaram não para fama pessoal, mas para que a glória e a bênção do Senhor pudessem recair sobre todos quantos no futuro viessem a ser alcançados pelo Evangelho pelo qual se sacrificaram, cumprindo-se assim o que Paulo dizia, que uns semeiam, outros regam e outros ainda colhem. Nesta perspectiva, todo o livro de memórias é fundamental e de importância extrema.

Infelizmente, quer na sociedade portuguesa, quer no meio evangélico pentecostal, há um défice gritante nesta área. São poucos os livros de memórias escritos pelos próprios actores da história. Biografias existem com alguma abundância, mas escritas por outros, muitas vezes sujeitas a interesses mais ou menos ocultos e destinadas bastas vezes a reescrever a história e sem o sabor especial de quem fez

a história acontecer. Talvez atingidas por essa dupla marca, as presentes memórias do Pastor Alfredo Machado saibam a pouco e, por isso, arrisco-me a, sem lhes retirar o mérito e o valor, classificá-las antes de «*flashes*», de pequenos lampejos de uma vida que, mesmo para quem não conheceu o ministério do nosso irmão, se percebe ter sido cheia e recheada de eventos marcantes. É compreensível! A sua grande preocupação (como de resto se percebe pelo que deixa escrito) foi sempre pregar Cristo e Cristo crucificado. Na mente do autor esteve sempre presente a máxima bíblica de que «é mister que Ele cresça e eu diminua». E assim, ao longo do seu ministério, Alfredo Machado, mesmo vivendo-o intensamente, era movido por uma única preocupação: fazer avançar o reino de Deus, alargar as estacas da tenda da congregação. Depois – é preciso não o esquecer – os anos pesam. E quando, cedendo a muitos pedidos para passar a escrito as suas memórias, é natural que lhe tenha sido difícil concretizar em pleno esse desiderato porque muitas das suas notas eram lembranças guardadas na memória. E como alguém disse, a memória é como um bolbo: as camadas mais antigas já estão desgastadas e muitas vezes desfeitas. Mas até nisto, não deixou de acompanhar em paralelo as Escrituras. Qual outro João Evangelista, das muitas coisas que viveu, Alfredo Machado escolheu algumas para relatar para que, por meio delas, pudesse apontar para Aquele que é luz e vida. Por isso, estas suas memórias – embora «*flashes*» não deixam de ser memórias – são selectivas. São um pouco do muito que o Pastor Alfredo Machado permitiu que Deus realizasse por seu intermédio. Naturalmente, muito mais teria ele para contar. Naturalmente, todos nós que o conhecemos esperaríamos mais, porque também sabemos que muito mais haveria para contar. Mas, decerto orientado por Deus, escolheu estes episódios para os transmitir à posteridade. Por tudo isso, não podemos deixar de lhe estar gratos.

Este livro surge em boa altura. Num momento de crise profunda da nossa sociedade e em particular do país, em que é fácil o povo de Deus deixar-se contaminar pelo pessimismo reinante, estas memórias vêm recordar que, nos primórdios da pregação da fé pentecostal, a tarefa não era fácil e que os pioneiros enfrentaram momentos difíceis e de crise, sem o apoio das tecnologias modernas e de outras benesses, contando unicamente com a fidelidade do Senhor. Mas também nos recorda que, citando um salmo querido ao autor (16:11b), à sua «mão direita há delícias perpetuamente». Este livro surge em boa altura porque num momento da globalização, em que as particularidades específicas a cada sociedade se tendem a esbater, vem lembrar-nos que, embora Deus de toda a humanidade, o Onnipotente se preocupa com todos, por minúsculos que sejam, que estejam dispostos a seguir os seus preceitos. Este livro surge em boa altura, porque nos vem demonstrar à saciedade que ainda hoje, acima dos métodos e soluções miraculosas, a Palavra do Eterno continua não só a ter poder, mas a apresentar a solução. Este livro surge em boa altura, porque numa época em que se procura o espectacular, o homem maravilha, a poção mágica transmutadora, Deus continua a usar o homem comum que, humanamente com poucas condições, se dispõe a colocar-se ao seu serviço.

E poderíamos continuar a enumerar muitas outras razões justificadoras da actualidade deste livro. Todas elas nos mostrariam uma faceta particular do ministério e da dedicação do Pastor Alfredo Machado. O que nos vem demonstrar que, mesmo com pequenos «flashes», Deus não se deixa limitar pelas limitações (passe a redundância) da finitude humana e que a bênção e a presença que o autor gozou continuam à disposição ainda hoje de todos quantos optam por depender da fidelidade de um Deus presente e exigente.

Mas que não se pense que tudo foram rosas na vida e no ministério de Alfredo Machado. O autor não escamoteia as dificuldades por que

passou. Mas, com toda a maturidade resultante de uma dedicação exemplar ao seu Senhor, cita esses episódios (muitas vezes sem grandes pormenores) não num lamento revoltado, não numa atitude de mortificação de quem vê neles o caminho para a graça de Deus ou granjeadoras de méritos celestes, não numa posição de auto-exaltação de quem suportou até ao fim e por isso deve ser endeusado qual santo da panóplia de qualquer cúria humana, mas como o corolário natural de que «com o suor do teu rosto comerás o teu pão», de que «no mundo tereis aflições», de que «quem lança mão do arado e olha para trás não é digno do reino dos céus», de que, finalmente, «não deveis tentar o Senhor vosso Deus». Durante o seu ministério, Alfredo Machado nunca se esqueceu de que a vida cristã é, no fundo, uma batalha encarniçada, sem tréguas, contra as forças do mal. E, como em qualquer batalha, há feridos e baixas de ambos os lados. Não é por ser soldado do Senhor que o cristão está isento de passar pela provação e pela dificuldade. Em lado nenhum da Escritura se lê que o Altíssimo ou seu Filho Jesus nos tenham prometido um mar de rosas. Quem vê o Cristianismo nessa perspectiva, na posição de que tudo é facilitismo, ou não percebe nada do Evangelho ou está consciente e decididamente a comportar-se como vendilhão do templo. Porque, ousemos afirmá-lo, respaldados pela autoridade da Escritura, que tal doutrina não tem suprimimento bíblico, mas é antibíblica e, em última instância serve os interesses objectivos de Satanás.

Mas, como se diz atrás, Alfredo Machado não deixa entrever nestas suas memórias qualquer indicação que nos aponte para a necessidade de o crente procurar o sofrimento, qual via de mortificação. Não! Isso está de todo ausente da sua experiência. Mas também sabe por conhecimento próprio que a luta e a dor enrijecem o lutador e, passado o momento da angústia (angústia vem de uma palavra latina que significa aperto) e do quase desespero, ele ergue-se mais disposto do

que nunca a prosseguir o combate em nome d'Aquele que nos prometeu a vitória final. Também não se percebe que advogue a velha máxima jocosa de que «se eu sofri, os outros também devem sofrer. Pois que sofram!». Bem sei que esta é uma tentação que perpassa pela mente de muitos. Mas Alfredo Machado aprendeu que o caminho para a vitória não segue por aí. E podemos dizer com toda a justiça: os pioneiros sofreram para que os seus sucedâneos não tivessem de sofrer o mesmo. Eles foram desbravadores do caminho, enfrentando os espinhos e os gigantes, procurando (e conseguindo muitas das vezes) reduzi-los a gafanhotos. Honra, pois, aos pioneiros! É importante que uma voz como a do Pastor Alfredo Machado se levante, falando não de cátedra, mas de um saber todo de experiências feito, no dizer do nosso Poeta maior, para mostrar à geração actual, muito dela desconhecedora do seu passado, que grande parte das benesses de que hoje usufrui o deve a estes homens, que se esforçaram e se colocaram no altar do Senhor em sacrifício vivo, santo e agradável, sem qualquer outra perspectiva de recompensa senão a de ouvir do seu Mestre e Salvador: «Bem está, servo bom e fiel. Entra no repouso do teu Senhor». Como repositórios de toda esta herança que nos é entregue, não sem esforço, suor e lágrimas, saibamos conhecer as agruras por que passaram os que nos precederam e saibamos ser dignos de ser seus continuadores. E como é bom, ao reler as páginas deste livro, muitos de nós poderem dizer: «Eu estive ali!»

Pela graça de Deus, sou dos muitos afortunados (hoje cada vez mais reduzidos pela lei da vida) a poder afirmar: «Eu vivi esta situação, eu participei nesta aventura». Alfredo Rosendo Machado foi meu Pastor nos idos de 50 e 60, tendo voltado a reencontrá-lo como colega de ensino (que honra) no então Instituto Bíblico de Portugal, em Fanhões. Muito aprendi com ele e ainda hoje me serve de referência. Muito do que sou a ele o devo, pela formação bíblica que me forneceu,

pelo amor à Escritura que revelou, pelo conhecimento profundo do texto sagrado que deixava transparecer, até pelo seu estilo e pose algo hieráticos que a todos nós levava a olhar com respeito e um certo temor para o cargo e função de Pastor, levantando assim um modelo que todos os seus verdadeiros discípulos procuram ainda hoje imitar. Por isso, a minha dívida de gratidão por este homem de Deus é eterna e, por muito que faça, estarei sempre em débito para com ele. Mais do que uma vez lhe expressei pessoalmente a minha gratidão, mas esta é a primeira que o faço por escrito: Obrigado, irmão Alfredo. Sim, porque era assim que o tratávamos. Outras vezes, na intimidade do círculo de amigos, referíamos-nos a ele por Ti Fredo e outros designativos carinhosos que me coíbo de reproduzir. Mas o tratamento preferencial era irmão Alfredo. Não Pastor Machado, mas irmão Alfredo, numa manifestação de que, embora Pastor, respeitado pelas suas ovelhas, havia intimidade e proximidade, perfeito cumprimento das Escrituras: «O bom pastor conhece as suas ovelhas e das suas ovelhas é conhecido».

Que não se pense, porém, que houvesse sempre unanimidade de opinião entre pastor e ovelhas em todas as situações. A discordância é natural e pode ser saudável numa sociedade, desde que todos compreendam que a verdadeira união não se traduz por unanimismo balofo, mas se enriquece na diversidade. Porque, no fundo, entre todos estava sempre presente a máxima que norteou uma geração: é mais e mais importante aquilo que nos une que aquilo que nos separa. As diferenças de opinião nunca impediram o respeito e o diálogo mútuo e muitos são testemunhas de que, sempre que convencido pela Escritura, o seu guia máximo, o Pastor Alfredo Machado não tinha problemas em «dar a mão à palmatória».

Para além das suas muitas facetas, esta é outra que o caracteriza e que quem o conheceu lhe admira. Sendo homem dedicado a servir o seu Senhor e por isso justo merecedor da designação de «servo de

Deus», era conhecedor das suas limitações e das suas fraquezas. Mas isso nunca o impediu de realizar a obra, indo buscar forças onde elas faltavam, porque a sua força lhe vinha do Senhor, isso nunca o impediu de se render ao Salvador, que tanto amou, quando, em atitude de arrependimento, reconhecia que nesta ou naquela área houvesse falhado. E esse é o drama dos grandes homens. Para quem se julga tão perfeito por conhecer e pregar uma Verdade imutável, é difícil perdoar a alguém consciente das suas limitações, mas que surge, pelo seu ministério e palavra, como um gigante. E dessa ingratidão foi também o Pastor Alfredo Machado vítima. E se ele quisesse ter aberto o seu coração, perceberíamos melhor estas palavras. Mas até nesta situação, ele mostrou a sua grandeza de alma: não lhe cabe julgar as acções dos homens e de todos, mesmo daqueles a cujas mãos sofreu e cuja palavra viperina teve de suportar, só lhe ouvimos, se não uma palavra de louvor pelos seus feitos valorosos, pelo menos a atitude bíblica: o Senhor é meu juiz e nas suas mãos está a minha sorte. Nunca o ouvimos criticar os que o criticavam, nunca o vimos em manobras de bastidor de baixa política a procurar denegrir ou rebaixar quem lhe voltava as costas, nunca o vimos em lamúrias lamentosas de qualquer falsa Madalena arrependida. Mas sabemos que a sua alma sangrava e que no seu mais profundo lhe soava o texto bíblico: «Minha é a vingança, eu darei a recompensa». Porque, acima de tudo, ele foi um homem da Palavra e a Palavra é clara ao afirmar que temos um «advogado perante Deus Pai que por nós intercede» e que no despojo da sua carne levou todas as nossas falhas, porque o seu convite «vinde a mim todos os cansados e oprimidos» é irrevogável. E esta é a maior justiça que podemos fazer ao Pastor Alfredo Machado: ele foi o homem da Palavra.

Quando damos, por norma não sabemos antecipadamente o resultado, o impacte e o efeito da nossa oferta. Alfredo Machado deu-

-se e gastou-se em oferta ao Senhor que tanto amou. A nós, beneficiários dessa entrega em amor, só nos resta agradecer. Ditosa igreja que tal pastor teve.

A Deus toda a glória!

*Jorge Pinheiro*





## PALAVRAS PRÉVIAS

**S**empre que me tem sido dada a possibilidade de me apresentar aos meus amigos através da escrita, tenho optado por me situar ao abrigo de títulos que digam algo sobre o que se escreve.

Por exemplo, ao escrever o comentário de Neemias, optei pelo título «Reparador de Roturas» inserido na mensagem de Isaías 58:12,<sup>1</sup> pois na realidade foi essa a tarefa a que Neemias e seus cooperadores se lançaram: colocar os muros derrubados da cidade santa de Jerusalém em condições de receber as portas, que foram restauradas, trabalho que se tornou um sucesso.

O livro «O Cântico do Meu Amado» é um comentário a Cantares de Salomão; «Vem o Fim, o Fim Vem!» é uma chamada de atenção para a proximidade da vinda do Senhor; «A Magna Carta da Liberdade Cristã» comenta a epístola aos Gálatas que, desde o início da era cristã até hoje, tanto contribuiu para orientar os cristãos do desvio da verdadeira liberdade para a qual Cristo nos chamou. E assim por diante.

---

[1] «E os que de ti procederem edificarão os lugares antigamente assolados; e levantarás os fundamentos de geração em geração, e chamar-te-ão reparador e de roturas e restaurador de veredas.»

A este memorial pensei atribuir-lhe o título «Jesus, Meu Companheiro», pois de uma maneira muito real, ao longo de mais de setenta anos de caminhada com Ele, posso afirmar, sem dúvida alguma, que a sua presença, a sua constante misericórdia e providência têm marcado os meus longos dias.

«Não Desistas» foi o título que me ocorreu a seguir como um incentivo aos crentes, especialmente aos obreiros, para caminharem firmes nas lutas, tentações e dificuldades que experimentam no serviço ao Senhor. Paulo fala de uns tantos e diz deles: «Já estais fartos! Já estais ricos! Sem nós reinais» (1 Coríntios 4:8a). Veio-me à lembrança a infelicidade ligada à apostasia do caminho da verdade. Alguns daqueles desistiram, ao sentirem o fogo da provação, ao passarem por experiências iguais às que aqui menciono.

Mas sejam maiores ou menores as provas, não importa. Poucas ou muitas as experiências de maior ou menor relevo, é necessário «lançar mão do arado e não olhar para trás», com coragem e valor, para continuar sem desistir «a batalhar pela fé uma vez confiada aos santos».

Deus prepara os seus servos para a luta, para enfrentarem as dificuldades. Ele tem-nos dado armas espirituais que, usadas na direcção e sob a unção do Espírito Santo, ainda hoje são suficientes para destruir fortalezas, conselhos e toda a altivez que ousar levantar-se contra o conhecimento de Deus e levar cativo todo o entendimento à obediência de Cristo (2 Coríntios 10:4-6).<sup>2</sup>

Com esta simples nota só pretendo uma coisa, orando por ela e igualmente pelos meus queridos leitores: «Meus amados irmãos, sede

---

[2] «Porque as armas da nossa milícia não são carnais, mas, sim, poderosas em Deus, para destruição das fortalezas; destruindo os conselhos e toda altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo o entendimento à obediência a Cristo, e estando prontos para vingar toda a desobediência, quando for cumprida a vossa obediência.»

firmes e constantes, sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que o vosso trabalho não é vão no Senhor» (1 Coríntios 15:58).

«Em nada vos espanteis... porque a vós vos foi concedido, em relação a Cristo, não somente crer nele, como também padecer por ele» (Filipenses 1:28,29).

Até agora, não sei se terei oportunidade de ver nas mãos dos meus prezados amigos *Não Desistas*. Resta-me apenas pedir a Deus que vos ajude a cumprir, ao longo da vossa vida e ministério, um serviço excelente, sem nunca desistir.

Ámen!

*Alfredo Rosendo Machado*





## INTRODUÇÃO

*«Vinde e ouvi, todos os que temeis a Deus, e eu contarei o que ele tem feito à minha alma» (Salmo 66:16).*

O Salmo noventa contém uma oração atribuída a Moisés, varão de Deus. Na linguagem deste lindo salmo, encontram-se as palavras que aqui reproduzo para assunto de meditação dos que, porventura, tenham oportunidade de ler as notas seguintes. Diz o grande legislador:

«A duração da nossa vida é de setenta anos, e se alguns, pela sua robustez, chegam a oitenta anos, o melhor deles é cansada e enfada, pois passa rapidamente, e nós voamos» (Salmo 90:10).

Este é o facto confirmado por todos: sejam de setenta, oitenta ou noventa anos, ou mais, como é o caso de quem escreve estas memórias, chegamos, portanto, à conclusão de que, medindo os dias do homem mais robusto, ainda que atingindo a longevidade de Metusalém (Génesis 5:25-27)<sup>3</sup>, «acabam-se os nossos anos como um conto

---

[3] «E viveu Metusalém cento e oitenta e sete anos e gerou Lameque. E viveu Metusalém, depois que gerou Lameque, setecentos e oitenta e dois anos e gerou filhos e filhas. E foram todos os dias de Metusalém novecentos e sessenta e nove anos; e morreu.»

ligeiro» (Salmo 90:9b). É assim a nossa vida, medida pela eternidade de Deus, aos olhos de quem «mil anos são (...) como o dia de ontem que passou, e como a vigília da noite» (Salmo 90:4).

O propósito destas despreziosas notas autobiográficas outro não é senão livrar-me, em primeiro lugar, do «pecado» que me atribuíam os alunos numa aula no IBP (o Instituto Bíblico Monte Esperança em Fanhões), onde leccionei durante um quarto de século, quando em determinada disciplina teológica se me ofereceu ocasião de trazer ao conhecimento da turma um ou outro dos muitos episódios e experiências do meu servir ao Senhor. Quase num grito, em uníssono, exclamaram: «Se o irmão não escreve isso num livro para as gerações futuras, comete pecado!»

Chegado ao final do meu ministério como professor no Instituto Bíblico Monte Esperança (Junho de 2002), por conselho do seu director, Sr. Harold Osland, o mesmo desafio me foi proposto, quase como uma intimação.

Julgo, por isso, ser vontade de Deus trazer ao conhecimento do caríssimo povo de Deus o que «Ele tem feito à minha alma».

Peço a todos, aos do presente e aos do futuro, aos de perto e aos de longe: «Engrandecei ao Senhor comigo, e juntos exaltemos o seu nome» (Salmo 34:3). Bendigo a Deus pela medida da sua misericórdia desmedida que tem acompanhado a minha vida desde o ano de mil novecentos e trinta e três até ao presente.

Glória a ti, Senhor!

Obrigado ao maravilhoso povo de Deus daquém e dalém mar, a quem tive oportunidade de servir, pelo muito amor revelado e pela solidariedade com que me ajudou e encorajou em todos os momentos e variadíssimos transes do meu pastorado.

Bem-hajam todos os excelentes colegas que me têm dado a destra de comunhão para chegar até aqui «servindo o Senhor com toda a

humildade e muitas lágrimas e tentações...» (Actos 20:19), aos quais consagro as palavras de Paulo aos anciãos de Éfeso: «Olhai, pois, por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para apascentardes a igreja de Deus, que ele resgatou com o seu próprio sangue» (Actos 20:28).

É a vós, companheiros, que dedico as palavras deste poema, da autoria da minha querida filha Lídia, que já repousa nos braços do Pai Celestial, tendo em vista encorajar-vos no cumprimento da vossa nobre tarefa:

### **O que me chama**

O que me chama,  
Senhor,  
Não são as multidões  
sorrindo.  
O que me chama,  
Senhor,  
não são as multidões  
aplaudindo.  
O que me chama,  
Senhor,  
são os tristes  
e os cansados,  
são os desiludidos  
e os amargurados.  
Eu os quero ajudar,  
Senhor.  
Ao seu chamamento, parar.  
Com eles sentidamente,

mansamente chorar.  
Com teu auxílio, os encaminhar  
até à Tua cruz.  
Assim sei  
nos seus olhos  
irá brilhar nova luz.  
Tão boas coisas  
me tens dado,  
Senhor:  
amor, carinho e perdão.  
Para eles tudo transferir  
Com um toque da minha mão,  
para que muitos saibam  
que neste mundo frio,  
indiferente...  
há um Deus que os ama  
sempre e sempre!

*Lídia Machado Cóias*

E, finalmente, depois de medidos e analisados todos os prós e contras, sei, com absoluta certeza, que os meus queridos familiares, minha mulher, meus filhos, netos e bisnetos, ao examinarem estas notas biográficas encontrarão motivos para rir, talvez para chorar ou até para dizer a Deus: «Naquilo que ele fez de bom é meu desejo conservar em memória, imitá-lo e jamais esquecer!»